

Júlio França & Luciana Colucci (orgs.), *Matizes do gótico: três séculos de Horace Walpole*, Dialogarts-Clepsidra, Rio de Janeiro, 2020. ISBN 978-65-87515-02-1 (digital) / 978-65-87515-02-1 (impreso).

Os estudos do gótico abrangem caminhos vastos e dinâmicos. Nesse aspecto, o livro *Matizes do gótico: três séculos de Horace Walpole* (2020), organizado pelos professores doutores Júlio França e Luciana Colucci, reúne oito artigos voltados para os temas dos estudos góticos e de suas diversas vertentes ficcionais. Além disso, a obra é um resultado do segundo Seminário de Estudos do Gótico (II SEG), liderado pela professora Luciana Colucci e ocorrido na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), em 2017.

Essa coletânea é considerada um material de fundação das pesquisas do grupo dos estudos do gótico no Brasil. O primeiro texto «Entre vampiros e demônios: o sobrenatural do mundo de Horace Walpole», de Alexander Meireles da Silva, descreve a origem da palavra «gótico», destacando o período do Iluminismo e a sua contrariedade à ambientação gótica proposta por *O Castelo de Otranto*, de Horace Walpole. Assim, as narrativas destacam o sobrenatural como elemento primordial para uma ampla divulgação dos seres insólitos e espaços de ambientação gótica. O ensaio trata do Gótico como uma ideia de subversão da razão e descreve a sua abordagem inicial no contexto histórico da Idade Média. Segundo Silva,

a literatura gótica foi compilada nesse período do século das luzes e destaca Horace Walpole como um importante precursor da literatura gótica. O questionamento central é por qual motivo o personagem do vampiro não está presente na narrativa de Walpole? Porque a criatura insólita surge no período do século XVIII e a sua lenda rondava grande parte das regiões do Leste Europeu, ou seja, a Europa Ocidental desconhecia esse monstro até o fim do século XIX.

No segundo texto «Two kinds of romance: generic hybridity and epistemological uncertainty in contemporary paranormal romance», Bill Hughes examina seres monstruosos e suas condições híbridas em diferentes gêneros, para um público de jovens adultos. Hughes destaca obras de características paranormais e de outros gêneros narrativos de linguagem especulativa, como o romance romântico, contos de fada, ficção científica e o gótico. Ele cita *Twilight*, de Stephenie Meyer, como um romance paranormal que começa com um caso de amor entre vampiros, estabelecendo vínculos sociais com os humanos em um tom harmonioso. A outra obra citada, *The Coldest Girl in Coldtown*, de Holly Black, é uma distopia em que os vampiros surgem num contexto apocalíptico do ro-

mance paranormal para jovens adultos. No segundo estudo de caso, Hughes descreve a natureza, a tecnologia e os seres feéricos na narrativa de Julie Kagawa, assim essas fadas destacam-se como atraentes ou perigosas, com as suas brincadeiras, ao longo da narrativa de estilo predatório dos vampiros com os seus apelos sexuais. Esse romance relaciona temáticas tecnológicas e progresso com uma linguagem autêntica de natureza onírica. Os outros dois estudos de casos são *My Love Lies Bleeding* (2009), de Alyxandra Harvey, e *The Iron King* (2010), de Julie Kagawa, como exemplos de paranormalidades e de diferentes monstruosidades, que relacionam pontos com as nuances estéticas de Horace. No primeiro romance, Hughes analisa o determinismo e o glamour da tuberculose para os escritores românticos, segundo os estudos de Susan Sontag (2009). Após esses dois estudos, o ensaísta retoma a ambivalência do contexto do Iluminismo de Walpole e afirma que o romance paranormal retém essa ambivalência da razão (razão?) e o progresso.

No terceiro capítulo, «Teratologias», Cido Rossi propõe uma tessitura investigativa das forças da Literatura, da Filosofia e do Gótico em prol de uma discussão da Teratologia. Rossi recupera leituras de Platão, mediante os estudos das artes, do pensamento e de condições humanas. O autor recupera a origem da palavra *teratologia*, que significa, em linhas gerais, estudos das anomalias e malformações congênicas e suas imperfeições corpóreas. Encaminha por meio de estu-

dos etimológicos, filosóficos e críticos da palavra *teratologia* e suas nuances expandidas. Essas revisitas ao passado distante apontam Homero ou possivelmente Safo como um possível autor ou autora, pois até hoje não temos comprovações de onde e quando Homero nasceu. Estudiosos afirmam que Homero compilou as narrativas em versos, e esses versos foram distribuídos em dois volumes como *Iliáda* e *Odisseia*. Eis um mistério de Homero ou de Safo que intriga o ensaísta Rossi.

No quarto capítulo, «Fantasmas brasileiros em *O Animal Cordial*», Claudio Zanini descreve o gótico por uma leitura cinematográfica. A narrativa de Gabriela Amaral Almeida traz imagens do cinema de horror no Brasil, especialmente em *O Animal Cordial*. Ela apresenta uma noção constante de violência corpórea e a prevalência de postura de uma minoria opressora diante dos grupos. Nesse percurso analítico, Zanini cita obras cinematográficas brasileiras diversas, entre elas está «À meia-noite levarei a sua alma» de José Mojica Maris, que apresenta o personagem emblemático do horror brasileiro: Zé do Caixão. De fato, o cenário brasileiro atual consta de uma releitura do gótico brasileiro, já que experienciamos o caos político e social, presentes também na narrativa cinematográfica *O Animal Cordial*. Assim, Zanini analisa «os fantasmas» que perseguem essas camadas sociais localizadas à margem da sociedade, destacando o caso das polarizações no Brasil. *O Animal Cordial* é pontuado com exageros góticos impulsionados pelo desejo de ma-

tar e pela compreensão do sexo sob o julgo de uma espécie de penalidade versus liberdade. O escritor do artigo propõe reflexões profundas acerca do contexto atual brasileiro a partir de um passado fantasmagórico político.

No próximo capítulo, «O gótico brasileiro em *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis», Fernando Monteiro de Barros estabelece uma leitura comparativa do romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, com o contexto narrativo gótico de Horace Walpole. O autor Barros pontua as lutas sociais e suas repercussões no romance *Úrsula*, como o fim da escravidão e a revolta da sociedade. Nesse sentido, o ensaísta considera esse momento histórico da abolição da escravatura como um cenário destronado e fantasmagórico. Vale destacar que a escravidão durou quatro séculos, tornando-se um fantasma histórico. Barros vislumbra com sensibilidade a narrativa de Maria Firmina diante de sua revolta com a escravidão e considera que essa época foi um processo fantasmagórico, pois continua a assombrar o cenário brasileiro. O romance *Úrsula* apresenta pontos de contato com o romance de Horace Walpole, como, por exemplo, a dor, o incesto, a maldição e o amor entre jovens. Barros conversa com os estudos de Sandra Vasconcelos (2010) quando investiga os romances do século XIX e a presença dos romances góticos no Brasil, nesse período. O poder patriarcal é um sinal de terror na narrativa de *Úrsula*. Isso prova que precisamos revisitar os «fantasmas sociais» para demoli-los nos seus tempos

devidos, ou ainda dá luz ao que não foi pensado outrora em relação ao processo fantasmagórico da escravidão.

Na sequência, o capítulo «Figurações vampirescas em narrativas fantásticas de dois escritores angolanos: Ana Paula Tavares e José Eduardo Agualusa», de Flavio García, discute o caráter insólito do vampiro nos contos «O mistério da Rua da Missão», de Tavares, e «M. de Malária», de Agualusa. García propõe uma revisão da importância dos estudos da literatura africana e suas nuances insólitas. Por isso a questão da identidade dos escritores africanos é um caso complexo e demanda reflexões universais, especialmente no que se refere a autenticidade de seus escritos. Por isso, o ensaísta sugere uma leitura atenta desses dois autores: Ana Paula Tavares e José Eduardo Agualusa. García destaca o conceito de personagem-figura, que é uma categoria de narrativa e pode fazer parte dos mundos múltiplos ficcionais ou não. Nisso, propõe o estudo do personagem vampiro como um ser subversivo e desordeiro em sua natureza estética, e como isso está sutilmente trabalhado nos contos «O mistério da Rua da Missão», de Tavares, e «M. de Malária», de Agualusa.

No sétimo capítulo, «O Gótico e a questão moral da empatia», Júlio França analisa o episódio «*Shut up and dance*» (2016), da série Britânica *Black Mirror* e suas visões críticas dos estudos do gótico diante do prazer estético que esses elementos góticos da narrativa cinematográfica em questão proporcionam como efeitos estéti-

cos para os públicos leitores. França trouxe uma visão investigativa de empatia e ficção, empatia e moral, e a análise da obra em questão. Esse ensaio ressalta a importância dos estudos neurológicos de Baron-Cohen (2011) para a compreensão da empatia, portanto os resultados dessas avaliações estão relacionados com as mesmas experiências do outro.

Já em «Horace Walpole: O aristocrata Camp & Witty», Luciana Colucci recupera o legado do autor Horace Walpole, interpretando os caminhos da vida pessoal e artística do autor. Pois Walpole desenvolveu outras criações, como cartas, texto dramático, poema, tradução, contos, biografia, além de ter colecionado pinturas, peças de arte e antiguidades. Nesse sentido, a estudiosa Colucci compreende que esses dados do autor Walpole, em conjunto, podem estabelecer outros entendimentos dos estudos críticos do gótico. A ensaísta revela que, em 2017, comemorou-se o tricentenário de nascimento de Horace Walpole. O castelo de Walpole, propriedade de Strawberry Hill, localizada em Twickenham, apresenta um local como sendo uma espécie de refúgio criativo, acompanhado de sua coleção eclética, que contém por volta de 4.000 objetos e algumas centenas de pinturas.

Destacam-se estudos de Dale Townshend (2020) referentes ao aspecto *queer* de Horace Walpole, num evento de *Manchester Centre for Gothic Studies*, revelando que a arquitetura de *Strawberry Hill* atraiu Walpole para o sentido arquitetônico *queer* mais do que a própria beleza

do lugar. Esse espaço proporciona sensações de sufocamento, opressão e confinamento, entre outros termos. Por isso, a autora descreve que ele repensa o gótico medieval de forma extravagante. *The Mysterious Mother* (1768) é uma obra em versos livres, de cinco atos, com aspectos trágicos, que recebeu elogios de Lord Byron. Depois a terceira publicação foi *The Hieroglyphic Tales* (1785), que descreve um cenário surrealista. No geral, Walpole aproveitou as experiências no seu castelo para elaborar seus romances góticos, instaurar uma beleza icônica para o seu tempo e continuar sendo uma figura curiosa em nossos dias.

Por fim, o ensaio «Estátuas terríficas: figurações humanas, objetos insólitos», de Marisa Martins Gama-Khalil, investiga as reflexões da estátua a partir dos estudos do mito Pigmaleão, Ovídio, Bulfinch, acrescentando «O fiel Dom José» por Luís Câmara Cascudo, de «A Vênus de Ille», de Prosper Mérimée e o «O príncipe feliz», de Oscar Wilde, que descrevem características paralíticas ou de estagnação da vivência humana. O assunto mitológico do Pigmaleão é instigante para os estudos do gótico, pois a visão da imperfeição considerada pelo personagem promoveu o inesperado ou insólito. Pigmaleão considerava a mulher imperfeita, até que viu a sua estátua e se apaixonou. Depois, o personagem mitológico pede para Vênus o desejo da potência de vida para a estátua. Vênus tem pena e concede o desejo. Nesse aspecto, a autora baseia-se nos estudos de Felipe Furtado (2010), que

tratam de uma perspectiva modal de estudos do fantástico. Pois, observa-se a relevância de vários efeitos de sentidos por meio do insólito, que são reconhecidos no estranho, no fantástico, no maravilhoso, na ficção científica, no horror, entre outras propostas. Esse mito, tendo como evidência a estátua, transpassa nas outras narrativas literárias analisadas pela autora. O interessante é reconhecer que o inumano não pertence à estátua e, sim, pode habitar o próprio ser humano.

Os trabalhos reverberam vários prismas de Horace Walpole e da sua influência, ou melhor, de seus matizes até os

dias atuais, em outras narrativas góticas. A importância da crítica dos estudos góticos contribui para realçar pontos desconhecidos de investigação e atrair novos olhares de análise para as narrativas em questão. As revisões dos conceitos góticos em cada ensaio e com os seus estudos de casos diversificados constroem novas interpretações para uma (re)leitura futura.

SUELLEN CORDOVIL SILVA
Universidade Federal de Santa Maria
sue_ellen11@yahoo.com.br

